

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE AFETO NA PÓS-MODERNIDADE

Ariel Montes Lima

## INTRODUÇÃO

Talvez a mais cruel e mais contraditória invenção que a modernidade legou para seus posteriores tenha sido justamente a noção de *indivíduo*. Cruel, pois, diante da imensurabilidade do coletivo, o *eu* inevitavelmente experimenta o terror. Tal medo se justifica perante a possibilidade da dissolução de sua identidade, cuja realização culmina no total desmanche de sua existência (HOMEM, 2020). Contraditória, ao mesmo tempo, uma vez que o sujeito não se constitui como tal, senão que mediante a apropriação da cultura e dos valores que o precederam (VYGOTSKY, 2008; 2009).

Frente a tal processo de *aislamiento* do sujeito, o afeto se torna uma nutriz da vida, um último suspiro de coletividade capaz de atenuar o sofrimento de ser um “barquinho na tormenta”. Contudo, a afetividade então vivida por aqueles que não se veem como elementos de um coletivo, mas como ilhas em um oceano

infamiliar, não pode encontrar outro destino, que não o fracasso na liquidez e volatilidade de seus vínculos (BAUMAN, 2001).

Essa conjunção de medo do esfacelamento primordial aliada à volatilidade do mundo que nos cerca corrobora para a manutenção do sentimento de que os vínculos então estabelecidos com os outros sujeitos que nos rodeiam, *a priori*, são, também, fugidios e de pouca profundidade. Tal informação não é tão inverídica.

Algum tempo atrás, eu saía de uma relação de seis meses. Com uma surpresa não tão inesperada, vi-me como que diante de um estranho. Uma semana depois do fim, sabia que já o erámos. A impressão que permaneceu foi a de que a proximidade e a intimidade do contato se têm tornado, por sua vez, meramente circunstanciais e, ao seu modo, convenientes (ou não).

Não me parece, todavia, que a natureza das relações conjugais até aqui vividas por essa que vos escreve se revelem como um caso particular. Ao contrário, a evanescência dos significados nas práticas sociais e no sentido nelas presente é um fenômeno que se desenvolvido desde o Séc. XVII (ROMERO MARÇAL, 2020).

Nesse sentido, me interessa discutir o conceito de *afeto* no contexto da pós-modernidade. Visamos perscrutar sua acepção e aplicabilidade em um nível teórico, tendo em vista a conjuntura social enunciada por Bauman (2001). Essa pesquisa tem, portanto, caráter bibliográfico e teórico.

Ademais, enfatizamos ser esse um ensaio que, movendo-se dentro dos limites que lhe permite o gênero textual em questão, goza de certa liberdade estilística e de abstração. Não objetivamos, tampouco, esgotar o tema, mas sim propor determinadas reflexões apriorísticas para futuras incursões por sobre semelhante problema.

## DESENVOLVIMENTO

A origem da palavra afeto está vinculada à forma supina do verbo latino *afficere* (*affectum*) que se poderia traduzir como “possuir”, “padecer” ou “adoecer” (BONOMI, 2008). Seu sentido, pois, está historicamente inserido em um contexto de esvaziamento da força racional. Aristóteles (2005), por sua vez, opunha *lógos* e *pathos* na fundamentação da retórica. Nesse sentido, o autor enfatiza a insuficiência da lógica racional para a elaboração do discurso frente a um público. Assim,

Dada a natureza heterônoma da retórica, sua tarefa não pode ser simplesmente explorar argumentos cujas estruturas lógicas são tão sólidas. Mas deve criar complexos juízos lógicos, éticos e emocionais os quais podem ser efetivos diante um determinado público. (KASTELY, 2004, p. 224)

Ainda por esse rumo, Garcia (2001, p. 66) sublinha que: “assim como as palavras mudam sua forma e sua sintaxe através dos tempos, também seu significado vai se modificando com o passar dos anos, em decorrência de uma série de fatores sociais e culturais. ”Tal que a acepção originária de uma palavra não pode ser tomada como valor unívoco de seu sentido.

Nessa perspectiva, Weber (2002) destaca que o processo histórico de modernização implicou a perda da visão mágica da vida, à custa de um racionalismo extremado. A emergência do paradigma burguês e mercadológico, nesse rumo, contribuiu para a construção de um pensamento teleológico para com a vida, no qual tudo deve ter um propósito financeiro favorável que justifique a tomada de tal decisão. É dizer: somente se pode experienciar X se tal experiência produzir lucro *a posteriori*.

A ascensão dessa perspectiva de vida –como não poderia ser diferente- deixou também impressa sua marca no conceito aqui analisado. Por um lado, pois, a solidude individual advém como subproduto da corrida incessante pelo progresso e pelo acúmulo de capital. Tal sentimento produz angústia e, diante do esvaziamento dos valores fundamentais, também a afetividade perde sua função gregária para, à sua própria maneira, preencher de sentido as vidas dos sujeitos.

Por outra perspectiva, a mesma lógica de acúmulo impulsiona os indivíduos na busca insaciável pela experiência. Isso se manifesta no nível discursivo, mas evidencia, antes de qualquer coisa, uma

posição de subjacência de um inconsciente coletivo já estruturado (FREUD, 2020). Sobretudo, a relação conjugal se constrói como tal nesse lugar de enunciação. Isso significa dizer, por exemplo, que o “pegador”, o “macho alfa” e a “puta” só existem enquanto papéis sociais em virtude de um aparato semiótico que as preenchem de sentido frente às regras do jogo social.

A experiência, todavia, fixa-se num lugar de abstração que se pode interpretar mediante duas ópticas: por um viés, a experiência ideal de afetividade não é materialmente experienciável, uma vez que se desenvolve enquanto fantasia e, por sua vez, o ideal de *eu* do sujeito está relacionado com a quantidade de experiências por ele vividas. Portanto, a busca pelo ideal de *eu* se constitui como uma “corrida” inglória em busca do almejado, cujo percurso se faz mediante experiências afetivas necessariamente fracassadas.

Desse modo, podemos concluir que o “pegador” – enquanto acumulador de experiências afetivas- não é mais do que um falido que, embalado, busca o ideal em experimentos afetivos fadados ao esfacelamento diante da incorrespondência do real para com o ideal. Isso nos coloca diante do maior dos problemas: o esvaziamento dos conceitos. Ou seja: se elaboram séries de definições evanescentes para um conceito cuja vivência está apartada do seu sentido.

Em outras palavras, quanto mais o sujeito busca por experiências afetivas de modo a satisfazer a sede de coletividade, mais esse se aliena do afeto sincero. Afinal, a mercadologização

do corpo, do sentimento e da vivência íntima finda por impedir que os próprios sujeitos colocados no contexto de proximidade vejam-se apartados um do outro. Em parte, isso se deve ao fato de que há tantas possibilidades capazes de gerar um número virtualmente imensurável de benefícios que a análise de custo-benefício é interminável. Ou seja, por melhor que X seja, sempre há N outros sujeitos disponíveis que podem oferecer novas experiências, cuja qualidade somente é determinável a partir da própria experimentação.

Nesse mundo, o *eu* deixa de ser subjetivo para tornar-se um “investidor emocional”. O ganho do outro é meu prejuízo e o infortúnio emocional de alguém é uma oportunidade de lucro para mim. Tudo isso encerra uma percepção totalmente esvaziada acerca da complexidade do que é ser uma pessoa no mundo.

Em níveis particulares, poderíamos nos arriscar a dizer que o *eu* se digladia com um coletivo (*outro*), sem perceber que esse mesmo coletivo integra intrinsecamente a própria natureza de sua humanidade. Assim, o sujeito se distancia do grupo e aliena-se em sua própria efemeridade.

Do outro lado, o coletivo volta-se estranhado para si mesmo e desconhece quem é. A consciência de grupo se esfacela e os próprios elementos do todo voltam-se contra o todo que os constitui. Tudo se esvazia e o sentido final da vida; motor da própria existência se perde. Em alguma medida, isso é um triunfo da pulsão de morte de cada um frente a si e ao outro. O *outro*,

porém, é partícipe da mesma estrutura que o *eu*, ao passo que, destruindo-o, destruo também a mim mesmo.

Aqui se insere o afeto, haja visto que o sentir ocupa função *sine qua non* na constituição da vida coletiva (COSTA; SILVA, 2016). Destarte, havendo o esfacelamento de sua noção, tanto em nível semântico quanto pragmático, nos vemos diante de um ensaio da dissolução de nosso próprio *modus vivendi*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ensaio, discutimos a noção de afeto na pós-modernidade. Pensamos tal léxico em oposição à noção de indivíduo. Nesse sentido, a ascensão do individualismo e o esvaziamento da afetividade das relações humanas, bem como a emergência do paradigma burguês-capitalista representa o empobrecimento das subjetividades humanas. Do mesmo modo, tal processo figura como uma oposição ao modo de viver da humanidade, uma vez que essa se desenvolveu e evoluiu enquanto espécie gregária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, e Abel do Nascimento Pena, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005 (Biblioteca de Autores Clássicos)

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BONOMI, Francesco. *Dizionario Etimologico Online*. 2008. Disponível em: <http://www.etimo.it/?term=affettare>. Acesso em: 16 de mai. 2023.

COSTA, Samira Lima da ; SILVA, Carlos Roberto de Castro e. Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, [S. l.]*, v. 10, n. 2, p. 283–291, 2016. Disponível em: [http://seer.ufsj.edu.br/revista\\_ppp/article/view/da%20Costa%2C%20de%20Castro%20e%20Silva](http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/da%20Costa%2C%20de%20Castro%20e%20Silva). Acesso em: 17 maio. 2023.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. In: *Cultura, Sociedade e Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GARCIA, Afrânio. SEMÂNTICA HISTÓRICA. *SOLETRAS*, Ano I, n. 02. São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4417/3222>. Acesso em: 16 de mai. 2023.

HOMEM, Maria Lúcia. *Medo e Angústia*. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/E1BzzharV14>. Acesso em: 14 de mai. 2023.

KASTELEY, James L. *Rhetoric and Emotion in A Companion to Rhetoric and Rhetorical Criticism*. Unit States of America: Blackwell Publishing Ltda, 2004.



ROMERO MARÇAL, Márcia. O pensamento de Miguel de Unamuno sobre a Modernidade: europeização, urbanização e progresso. *Polifonia*, [S. l.], v. 27, n. 45, p. 10-32, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/8158>. Acesso em: 14 maio. 2023.

VYGOTSKY, Liev. *Pensamento e Linguagem*. SP, Martins Editora, 2008.

VYGOTSKY, Liev. *Imaginação e Criação na Infância*. SP, Ática, 2009. (Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes).

WEBER, Max. *Economía y sociedad*. Trad. José Medina Echavarría et. al.. México: Fondo de Cultura Económica, 2002.

ARIEL MONTES LIMA é pessoa trans *non-binary*, psicanalista e professora. Em 2022, publicou os livros *Poemas de Ariel* (TAUP), *Sínteses: Entre o Poético e o Filosófico* (Worges Ed.) e *Ensaio Sobre o Relativismo Linguístico* (Arche).